

INFORME RURAL ETENE

ANO 3. Nº 13 – JANEIRO/2009

CONSIDERAÇÕES SOBRE A BOVINOCULTURA DE CORTE NO NORDESTE (I)¹

Francisco Raimundo Evangelista
Mestre em Economia Aplicada e
Pesquisador do ETENE

Fone: (85)3299-3416; Fax: (85)3299-3474
evan@bnb.gov.br

Jackson Dantas Coêlho
Mestre em Economia Rural e Pesquisador
do ETENE

Fone: (85)3299-3475; Fax: (85)3299-3474
jacksondantas@bnb.gov.br

1. Os Rebanhos Bovinos de Corte no Brasil e no Nordeste

O Brasil possui o segundo maior rebanho comercial do planeta e é o maior exportador mundial, vendendo carne bovina para mais de cem países (Instituto FNP, 2008)². O efetivo bovino brasileiro, em 2007, era de 167,5 milhões de cabeças, sendo 132,3 milhões com aptidão para corte e 35,2 milhões com aptidão para leite (Instituto FNP, 2008). Dentro do Nordeste geográfico³, o total do rebanho bovino representa 26,5 milhões de cabeças, distribuídas em 17,3 milhões para corte e 9,2 milhões para leite (Tabela 1).

Tabela 1 – Efetivo do Rebanho Bovino Total e de Corte, Brasil e Nordeste – 1999 a 2008

Milhões de cabeças

Anos	Rebanho Bovino Total					Rebanho Bovino de Corte				
	Brasil	Cresc %	Nordeste	Cresc %	NE/BR %	Brasil	Cresc %	Nordeste	Cresc %	NE/BR %
1999	158,3	-	22,9	-	14,5	124,7	-	14,8	-	11,9
2000	162,6	2,8	23,6	3,1	14,5	115,4	-7,5	17,4	17,9	15,1
2001	167,2	2,8	24,4	3,3	14,6	129,5	12,2	15,8	-9,4	12,2
2002	172,2	3,0	24,8	1,8	14,4	131,1	1,2	15,8	0,2	12,1
2003	175,0	1,6	25,0	0,6	14,3	132,8	1,3	15,9	0,2	11,9
2004	176,1	0,6	25,2	0,8	14,3	135,4	2,0	15,9	0,2	11,7
2005	175,1	-0,6	25,7	2,3	14,7	129,7	-4,2	14,9	-6,3	11,5
2006	169,9	-2,9	26,0	1,1	15,3	131,0	1,0	14,8	-0,8	11,3
2007	167,5	-1,4	26,5	1,8	15,8	132,3	1,0	17,3	17,3	13,1

¹ Dado o caráter deste tipo de informe e os vários aspectos a serem comentados sobre pecuária de corte, pretende-se elaborar pelo menos mais um Informe Rural em continuação a este.

² INSTITUTO FNP. Anualpec 2008 – Anuário da Pecuária Brasileira. São Paulo: Instituto FNP, 2008.

³ Difere da área de atuação do BNB, que inclui municípios do Espírito Santo e de Minas Gerais.

(*) Superintendente do ETENE: José Sydrião de Alencar Júnior

(**) Coordenador da AEPA: Biágio de Oliveira Mendes Júnior

(***) Coordenador da COERG: Aírton Saboya Valente Júnior

2008

* 169,8 1,3 27,0 2,0 15,9

Crescimento
no período

1999/2007 5,8 15,7 6,1 17,1

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do Instituto FNP (2008).

* Projeção.

Ao longo de dez anos, a representatividade do Nordeste, tanto no rebanho total quanto no rebanho de corte, tem tido pouca variação (Figura 1) mas registrou um pequeno aumento – de 14,5 a 15,9% para o total do rebanho e de 11,9 a 13,1% para o rebanho especializado de corte – significando que, no período, o Nordeste tem apresentado crescimento superior ao do País.

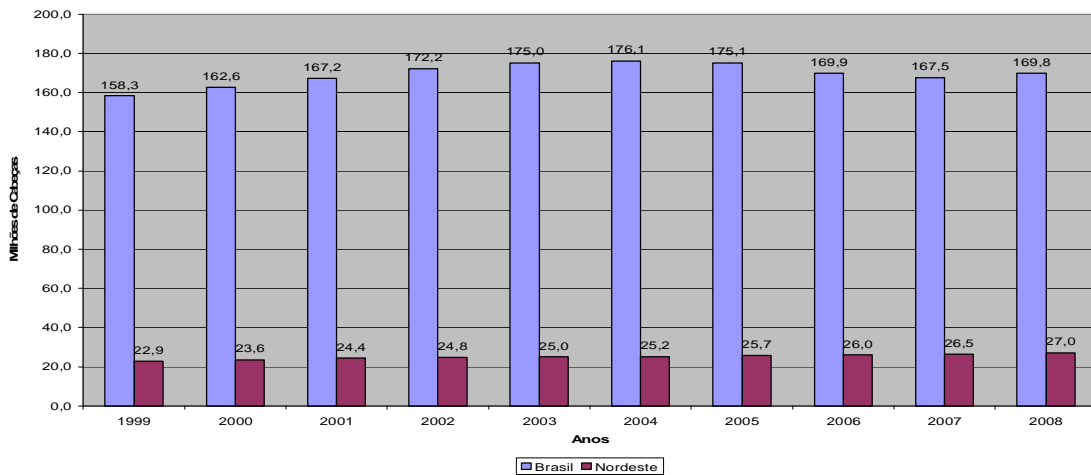


Figura 1– Brasil e Nordeste – Evolução do Rebanho Total, de 1999 a 2008. Elaboração dos autores, a partir de dados do Instituto FNP (2008).

Esse fato, entretanto, não representa uma vantagem para o Nordeste. A tendência da pecuária de corte nas áreas mais avançadas é de redução do rebanho e das áreas de pastagem, com aumento do peso médio e da precocidade dos animais. Por isso, registrou-se uma forte redução no rebanho de corte do Brasil em 2005 e, daí em diante, a taxa de crescimento foi de somente 1% a. a.; o Nordeste também apresentou redução no rebanho de corte em 2005 e 2006 mas retomou fortemente o crescimento em 2007. Em termos de rebanho total, a tendência geral do País não vem sendo acompanhada pela Região desde 2005.

Cabe destacar que a classificação do rebanho bovino por aptidão (corte, leite) só é levantada pelo IBGE nos censos agropecuários, dos quais o último inteiramente divulgado foi o de 1996. Do Censo 2006, já concluído, há disponíveis apenas algumas informações preliminares. Por isso, é preciso recorrer a outras fontes – como é o caso do Instituto FNP – para se ter uma

idéia da especialização dos estados e do Nordeste na bovinocultura de corte (Tabela 2 e Figura 2).

Tabela 2 – Rebanho de Corte e Participações Relativas, Brasil, Nordeste e Estados Nordestinos – 1999 a 2007

REGIÃO/ ESTADO	Milhões de cabeças										PARTI MÉDIA
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	MÉDIA 99-07	
Brasil	124,75	115,41	129,51	131,11	132,77	135,37	129,68	130,97	132,34	129,10	100,00
Nordeste	14,80	17,45	15,81	15,84	15,87	15,89	14,90	14,78	17,34	15,85	12,28
AL	0,42	0,72	0,42	0,41	0,39	0,40	0,40	0,40	0,39	0,44	0,34
BA	5,97	6,99	6,52	6,49	6,47	6,71	5,90	5,74	7,00	6,42	4,97
CE	0,95	1,75	1,05	1,02	1,00	1,10	1,02	1,04	0,96	1,10	0,85
MA	3,46	3,07	3,57	3,65	3,75	3,55	3,69	3,65	4,97	3,71	2,87
PB	0,80	1,01	0,88	0,87	0,86	0,88	0,81	0,83	0,79	0,86	0,67
PE	0,65	1,32	0,75	0,75	0,76	0,73	0,68	0,71	0,81	0,80	0,62
PI	1,40	1,20	1,42	1,46	1,50	1,33	1,37	1,35	1,35	1,37	1,06
RN	0,57	0,70	0,59	0,58	0,57	0,58	0,55	0,57	0,59	0,59	0,46
SE	0,58	0,69	0,61	0,59	0,58	0,60	0,48	0,49	0,47	0,57	0,44

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do Instituto FNP (2008).

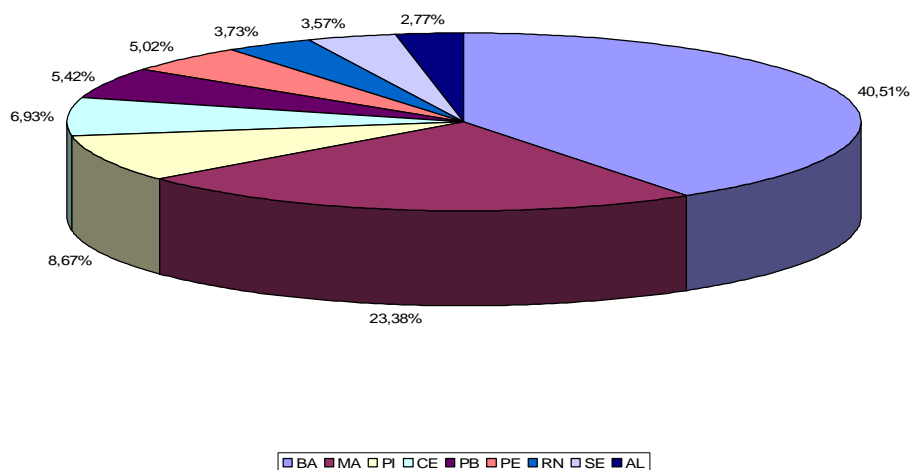


Figura 2 – Nordeste - Participação dos Rebanhos Estaduais de Corte no Total do Nordeste, Média de 1999 a 2007.

Fonte: Elaboração dos autores.

No que diz respeito ao efetivo bovino de corte, destacam-se os estados da Bahia, Maranhão e Piauí, não por acaso aqueles de maior extensão territorial do Nordeste⁴ e também, por assim dizer, geograficamente periféricos ao semi-árido. O quarto maior rebanho de corte pertence ao Ceará. Esses quatro estados, juntos, representaram 79,5% do rebanho de corte regional na média do período 1999-2007. Entretanto, no conjunto dos quatro maiores, apenas o Maranhão e a Bahia vêm apresentando crescimento do rebanho especializado; Piauí e Ceará praticamente estacionaram ao longo do período 1999-2007 (Figura 3).

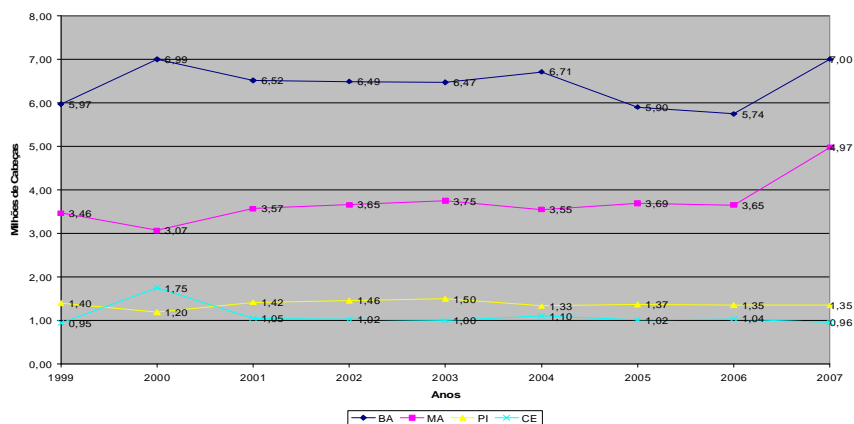


Figura 3 – Evolução dos Rebanhos de Corte dos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1999 a 2007.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Instituto FNP (2008).

2. Evolução das Pastagens e da Produção de Carne Bovina

A bovinocultura de corte necessita de terras baratas, tendo avançado, no âmbito nacional, para a região Norte e, no caso do Nordeste, para localidades que não impõem restrições à formação de pastagens. A redução do rebanho bovino dos estados de São Paulo (17%), Rio Grande do Sul (16%) e Mato Grosso do Sul (12%), estados que possuem terras relativamente caras, conforme destacado pelo Instituto FNP (2008), confirma esse deslocamento.

Na Tabela 3, vê-se que nas Regiões Sudeste e Sul, no período 1996-2006, houve redução tanto no número de estabelecimentos que praticam a pecuária quanto na área de pastagem. A Região Centro-Oeste, no mesmo período, ainda registrou crescimento no número de estabelecimentos (por ter sido, no período, a fronteira da pecuária brasileira), mas já apresentou

⁴ Esses três estados, juntos, representam 74% do território do Nordeste geográfico e 45% da população. A densidade populacional do conjunto é de 20,2 habitantes/km², abaixo da média regional de 33,2 hab/km².

redução nas pastagens. Somente no Nordeste e no Norte ocorreu crescimento das duas variáveis, embora o aumento dos estabelecimentos no Nordeste tenha sido pouco significativo (equivalente a 0,16% a.a.).

Tabela 3 –Evolução do Número de Estabelecimentos e da Área de Pastagem por Região e pelos Estados do Nordeste, entre 1996 e 2006

UF	Estabelecimentos (mil unid.)			Área de Pastagens (mil ha)		
	1996	2006	Var. %	1996	2006	Var. %
Norte	186,0	225,8	21,4	24.386,5	32.630,5	33,8
Centro-Oeste	204,5	237,2	16,0	62.763,9	56.837,1	-9,4
Sudeste	566,7	534,6	-5,7	37.877,0	32.071,5	-15,3
Sul	787,3	683,8	-13,1	20.696,6	18.145,6	-12,3
Nordeste	953,8	969,2	1,6	32.076,3	32.648,5	1,8
Alagoas	43,0	44,6	3,7	862,4	873,8	1,3
Bahia	314,7	312,8	-0,6	14.489,8	12.901,7	-11,0
Ceará	130,8	124,2	-5,1	2.632,1	2.925,3	11,1
Maranhão	95,7	92,7	-3,1	5.310,6	6.162,7	16,0
Paraíba	81,2	91,7	13,0	1.851,9	1.997,9	7,9
Pernambuco	132,2	140,2	6,0	2.131,0	2.506,7	17,6
Piauí	70,5	75,4	6,8	2.398,4	2.783,1	16,0
R. G. do Norte	47,6	47,1	-0,9	1.246,2	1.333,6	7,0
Sergipe	38,0	40,5	6,6	1.153,9	1.163,7	0,8

Fonte: Censo 1996 e Censo Preliminar 2006 – IBGE.

Em termos estaduais, no Nordeste, registrou-se redução na área de pastagem apenas na Bahia; os maiores aumentos de pastagem ocorreram em Pernambuco, Maranhão e Piauí, esses dois últimos integrantes do bloco dos maiores produtores, conforme destacado anteriormente. Em quatro estados houve diminuição no número de estabelecimentos (Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte e Bahia, nessa ordem).

Não existem estatísticas oficiais sobre a produção de carne do Brasil para nenhum nível geográfico (país, região, estado ou município). O IBGE divulga regularmente a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais; reportando as cabeças abatidas, não o peso. Dessa forma, não há como discutir, a partir das estatísticas oficiais, a oferta de carne por habitante. Em um outro estudo em elaboração pelo ETENE⁵, entretanto, foi feita uma *proximidade* dessa informação, recorrendo ao indicador rebanho de corte⁶/habitante. Esse indicador tem a desvantagem de nivelar a qualidade dos rebanhos e os processos produtivos dos estados, ou seja, os estados com um rebanho de corte de melhor padrão genético e que utilizem tecnologias

⁵ Evangelista, F. R.; Brainer, M. S. de C. P.; Nogueira Filho, A. Proposta de área de atuação para o apoio creditício do BNB ao desenvolvimento da pecuária regional – bovinocultura de leite e de corte (título provisório). Fortaleza-CE: BNB-ETENE, 2009 (versão preliminar).

⁶ O "rebanho de corte" utilizado no trabalho referido é diferente daquele do Instituto FNP, apresentado na seção 1 deste Informe.

que permitam aumentar o peso médio dos animais e a sua precocidade são prejudicados, pois o cálculo não leva tais especificidades em consideração.

Na média, a “oferta de carne” per capita diminuiu 16% no Nordeste, entre os triênios 1980/82 e 2004/06. Apenas o estado do Maranhão apresentou um comportamento diametralmente distinto, uma vez que registrou um forte aumento (47%) na relação bovino de corte/habitante. Seguem-se os estados do Piauí e da Bahia, nos quais houve queda no indicador mas em intensidade menor que a registrada pelos demais estados. O Ceará foi o estado de pior desempenho, com uma redução de 44% no indicador (Tabela 4 e Figura 4).

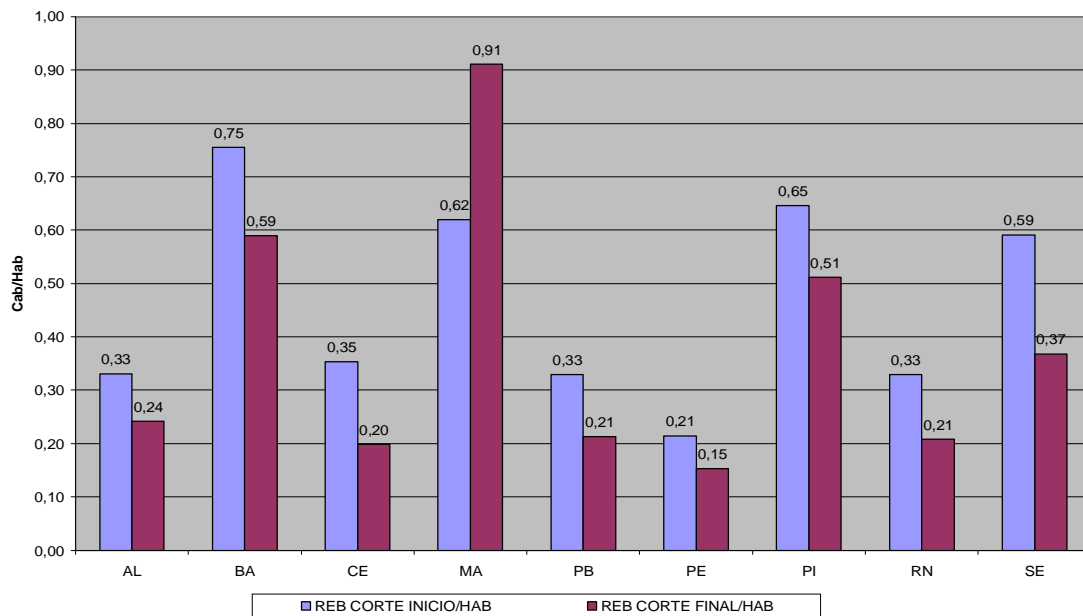


Figura 4 – Comparação da Disponibilidade de Animais/Habitante, por Estado.
Fonte: Evangelista et al (2009).

Tabela 4 - Pecuária de Corte – Proximidade da Oferta per Capita de Carne, por Estado

ESTADO	POPULAÇÃO MÉDIA 80-82 (MIL HAB)	POPULAÇÃO MÉDIA 04-06 (MIL HAB)	REB CORTE INÍCIO (MIL CAB)	REB CORTE FINAL (MIL CAB)	REB CORTE INÍCIO/HAB	REB CORTE FINAL/HAB	CRES %
AL	2.024	3.022	670	731	0,33	0,24	26,9
BA	9.645	13.777	7.276	8.127	0,75	0,59	21,8
CE	5.371	8.110	1.900	1.613	0,35	0,20	43,8
MA	4.067	6.137	2.520	5.590	0,62	0,91	47,0
PB	2.804	3.569	923	762	0,33	0,21	35,2
PE	6.222	8.411	1.335	1.290	0,21	0,15	-

							28,5
PI	2.175	2.998	1.405	1.533	0,65	0,51	20,8
RN	1.939	3.019	639	628	0,33	0,21	36,9
SE	1.166	2.006	688	737	0,59	0,37	37,7
TOTAL	38.255	54.529	21.744	25.999	0,57	0,48	16,1

Fonte: Elaboração dos autores.

De acordo com o Instituto FNP (2008), o efetivo abatido em 2007 foi de 42,1 milhões para o país e 5,6 milhões para o Nordeste, incluindo-se neste número o gado comprado em outros estados, conforme a Tabela 5. O abate de bovinos no Nordeste, de 1999 a 2007, cresceu 17,3%, quatro pontos percentuais a menos que o Brasil. Por isso, a participação regional no abate reduziu-se levemente, de 13,7% para 13,3%. Apesar das oscilações, o abate nacional de bovinos, no período 1999-2007, passou do patamar de 35 milhões de cabeças para 40 milhões de cabeças, enquanto o abate regional estacionou no nível de 6 milhões de cabeças (Figura 5).

Tabela 5 – Abate de Bovinos, Brasil e Nordeste – 1999 a 2008
Milhões de cabeças

Anos	Brasil	Cresc %	Nordeste	Cresc %	NE/BR %
1999	34,7	-	4,8	-	13,7
2000	34,5	-0,9	4,7	-1,3	13,7
2001	35,7	3,6	4,8	2,7	13,5
2002	37,1	4,0	5,1	5,6	13,8
2003	38,9	4,8	5,3	2,9	13,5
2004	41,1	5,6	5,4	2,6	13,1
2005	44,3	7,8	5,7	5,3	12,8
2006	47,1	6,2	6,0	5,9	12,8
2007	42,1	-10,6	5,6	-7,1	13,3
2008*	38,9	-7,7	5,7	1,3	14,6
Crescimento no período		21,2		17,3	

Fonte: Instituto FNP (2008)

* Projeção.

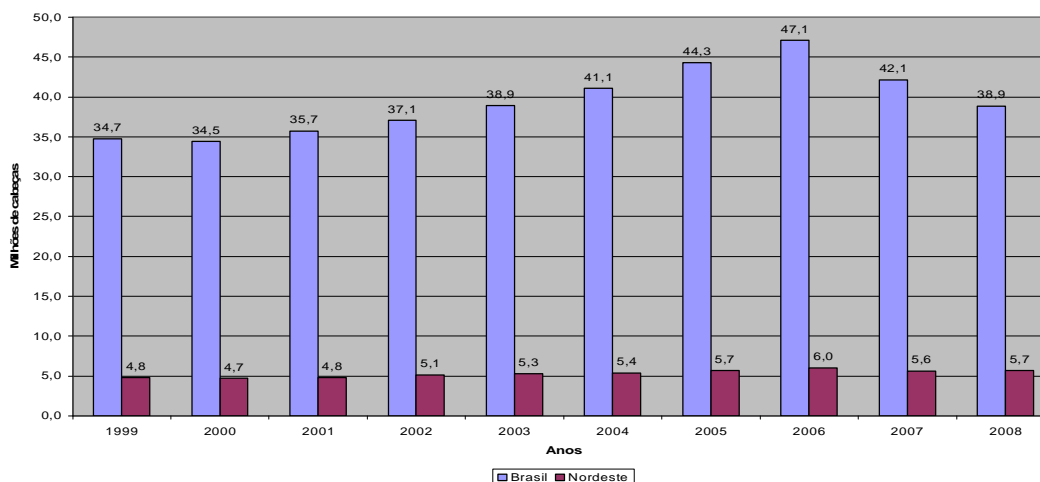


Figura 5– Brasil e Nordeste – Evolução do Rebanho Total (a) e do Abate (b), de 1999 a 2009.

Elaboração dos autores, a partir de dados do Instituto FNP (2008).

3. Comportamento e Importância dos Preços

A bovinocultura de corte pode ser realizada de três formas, modalidades, a saber: 1) criação – na qual os pecuaristas, a partir de reprodutores e matrizes, produzem animais jovens para venda a outros pecuaristas, 2) cria/recria/engorda, na qual os pecuaristas produzem bezerros e os mantêm até a ocasião do abate (ou seja, negociam boi gordo) e 3) engorda, na qual os pecuaristas adquirem boi magro para fazer a finalização e negociarem boi gordo. Por isso, podemos dizer que bezerro, boi magro e boi gordo são ao mesmo tempo os principais insumos e produtos da atividade. O comportamento dos preços reais desses produtos nos principais estados produtores do Nordeste, de 1990 a 2007, é apresentado nas Figuras 6, 7 e 8.

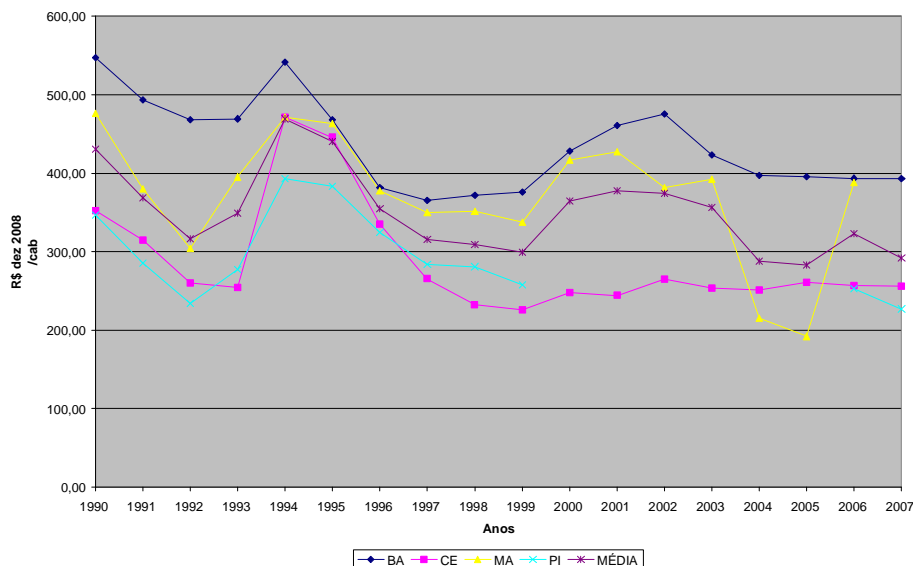


Figura 6 – Evolução dos Preços Reais do Bezerro, nos Principais Estados Produtores do Nordeste, DE 1990 a 2007.
 Fonte: Elaboração dos autores, com base em SIGMAN (2008)⁷.

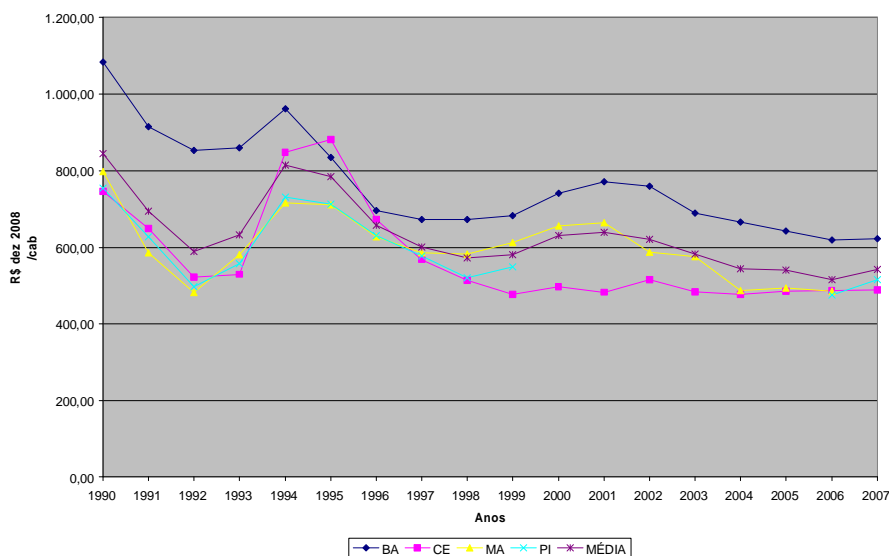


Figura 7 – Evolução dos Preços Reais do Boi Magro, nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.
 Fonte: Elaboração dos autores, com base em SIGMAN (2008, op. cit).

⁷ Sistema de gerenciamento de mercados agropecuários – SIGMAN. Fortaleza: BNB, 2008. Acesso em: 21 janeiro 2008.

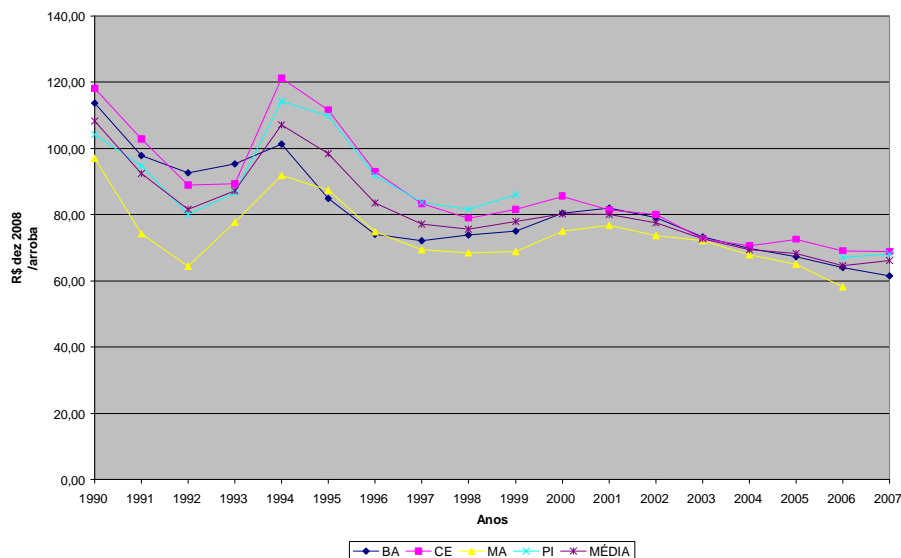


Figura 8 – Evolução dos Preços Reais do Boi Gordo, nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em SIGMAN (2008, op. cit).

Confirma-se o que é reportado na literatura, sobre a existência de um comportamento cíclico, que alguns autores consideram ser de 7 anos⁸, mas a tendência geral do período é de queda dos preços, conforme resumido na Tabela 6. Essa redução, pode ser favorável para o consumidor, se for repassada para os preços dos cortes de carne bovina e pode também ser favorável para o pecuarista, se isso representar aumento do consumo. Mas isso são hipóteses. Na verdade, o consumo de carne bovina no Brasil vem crescendo, nos últimos anos, muito lentamente (Figura 9), especialmente porque sofre a concorrência da carne de frango.

⁸ No ciclo plurianual pecuário, “a queda na cotação do boi gordo deflagra retração nas cotações das categorias intermediárias até que as matrizes passam a ser descartadas, acentuando o excesso de oferta de carne bovina e a queda dos preços. Os preços só tendem a reagir quando se verifica redução na disponibilidade de boi gordo, o que, dado o sistema de exploração extensivo empregado, deverá ocorrer três a quatro anos após o início do descarte de matrizes (Toledo e Santiago, 1984, apud Sachs, R. C. R; Pinatti, E. Análise do comportamento dos preços do boi gordo e do boi magro na pecuária de corte paulista, no período de 1995 a 2006. **Revista de Economia e Agronegócio**, v.5, n.3).

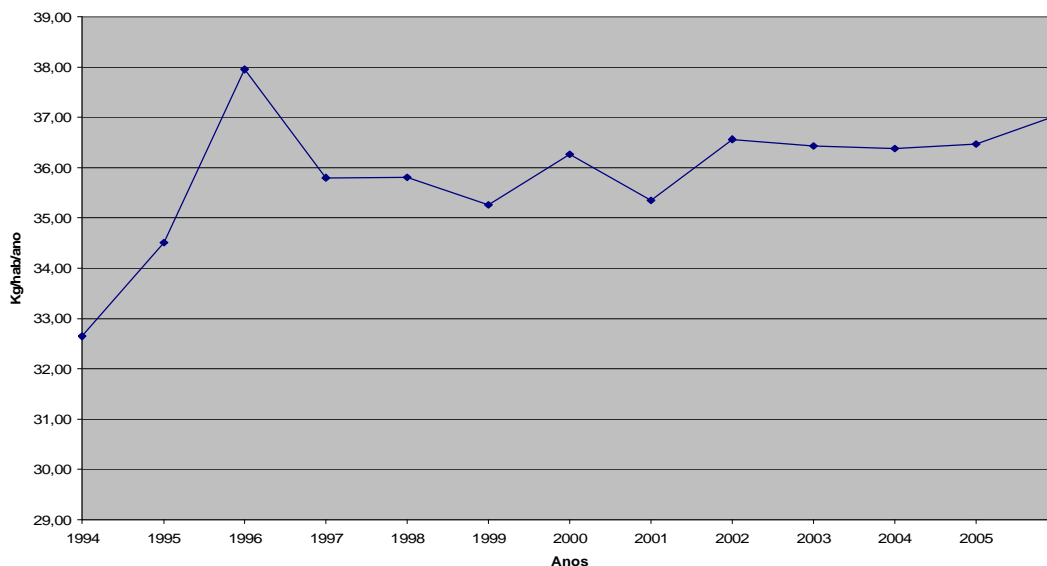


Figura 9 – Brasil - Evolução do Consumo Aparente Per Capita da Carne Bovina, de 1994 a 2006

Fonte: Elaboração dos autores, com base em De Zen; Menezes e Carvalho (2008).

Entretanto, o mais preocupante e concreto, evidenciado naquela tabela, é que a redução dos preços dos produtos que são insumos para algumas modalidades (recria ou engorda) é menor que a do produto da modalidade (Tabela 6 e Figura 9). Explicando: 1) o recriador compra bezerros para vender boi magro; o preço do bezerro, na média ou em qualquer dos principais estados produtores, diminuiu menos do que o preço do boi magro. Tudo o mais constante, isso significa um estreitamento da margem dos recriadores; 2) o engordador adquire boi magro para vender boi gordo; de igual modo, o preço do boi magro caiu menos que o preço do boi gordo, pressionando a margem dos engordadores.

Tabela 6 – Variação dos Preços Reais dos Produtos da Pecuária de Corte, de 1990 a 2007, nos Principais Estados Produtores do Nordeste

ITENS	BA	CE	MA	PI	MÉDIA
Bezerro	28,18	27,34	18,53	34,50	32,19
Boi magro	42,54	34,62	39,24	31,72	35,92
Boi gordo	45,93	41,62	40,07	34,75	38,91

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do SIGMAN.

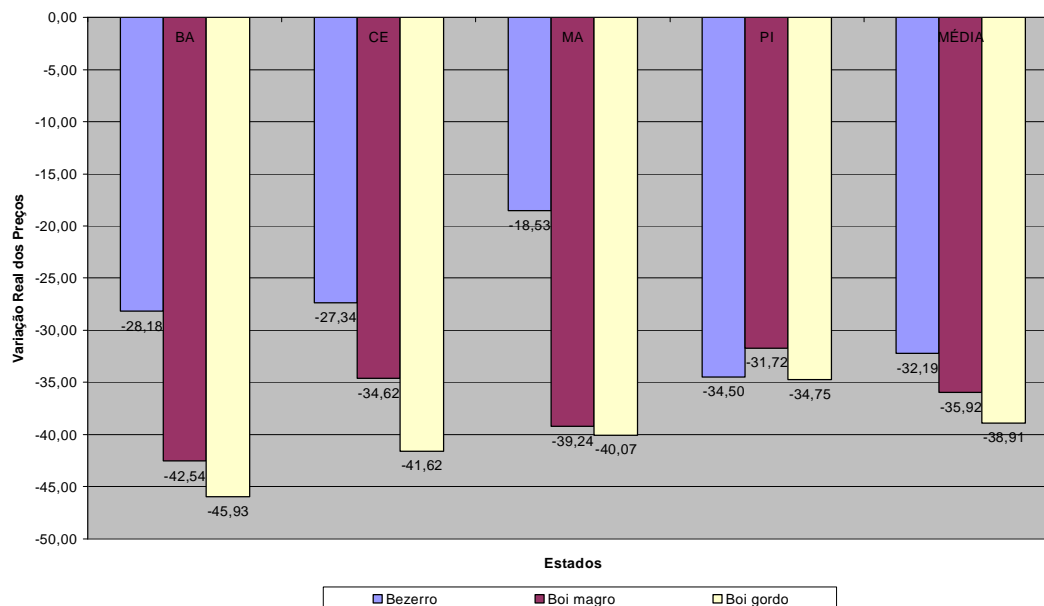


Figura 9 – Variação dos Preços Reais dos Produtos da Pecuária de Corte, nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do SIGMAN (2008, op. cit)..

4. Comentários Finais

Sintetizando as informações anteriormente apresentadas, pode-se afirmar que há uma pressão pela maior eficiência para os que desejam obter lucro na pecuária de corte regional; os pecuaristas que não consigam reduzir outros custos (especialmente alimentação) ou aumentar a quantidade de produtos vendidos (seja em cabeças ou em arrobas) ou ainda encurtar o ciclo de produção, estão trabalhando sob grandes possibilidades de perdas.

Estima-se que o excedente de produção de carne bovina no Brasil cresça a uma taxa média de 8,6% de 2007 a 2017 (sob a hipótese de crescimento de 4,7% na produção e 5% no PIB real), devendo alcançar 5,3 milhões de toneladas em 2017 (Tabela A5). A disponibilidade interna de carnes (incluindo as carnes bovina, suína e de frango) aumentou 39% no período 1977-2007, o que significa uma taxa geométrica de crescimento anual da ordem de 3,4%; e mais concorrência interna pelo consumidor de carne bovina (Tabela 7). Se o excedente de carne bovina previsto não puder ser colocado no mercado externo (e não é difícil prever que o excelente desempenho das exportações brasileiras de carne no período recente será difícil de ser repetido no futuro), poderá haver um aumento na oferta de carne bovina no Nordeste, proveniente das outras regiões do País, mais vocacionadas para a pecuária de corte, aumentando ainda mais a pressão sobre os produtores locais.

Tabela 7 – Produção Total, Oferta Interna, Disponibilidade Interna e Exportações de Carnes no Brasil, de 1997 a 2009

Anos	Produção Total (*) mil t	Oferta Interna mil t	Disponibilidade Interna kg/hab	Cresc, %	Exportações Totais mil t	Cresc, %
1997	11.119,2	10.270,1	63,2		1.002,6	
1998	11.625,0	10.658,0	65,2	3,2	1.074,4	7,2
1999	13.083,5	11.717,4	70,7	8,4	1.418,7	32,0
2000	14.212,4	12.671,9	75,5	6,8	1.615,2	13,9
2001	15.277,5	12.938,4	76,0	0,7	2.386,4	47,7
2002	17.275,3	14.256,8	82,7	8,8	3.099,6	29,9
2003	17.811,3	14.118,3	80,8	-2,3	3.758,5	21,3
2004	19.139,6	14.436,8	81,6	1,0	4.757,3	26,6
2005	20.656,7	15.245,5	85,1	4,3	5.460,8	14,8
2006	21.663,5	16.104,1	88,8	4,3	5.588,4	2,3
2007	22.492,7	16.201,7	88,1	-0,8	6.322,2	13,1
2008 (**)	22.218,8	15.683,8	84,4	-4,2	6.590,0	4,2
2009 (***)	22.780,0	16.915,0	90,0	6,6	5.920,0	-10,2
Crescimento						
1997-2007				39,4		530,6

(*) Carne bovina, suína e de frango; (**) Preliminar; (***) Estimativa.

Fonte: Molinari, 2008⁹.

ANEXOS

Tabela A1 – Preços Médios Reais do Bezerro (cabeça), nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.

ANO	BA	CE	MA	PI	MÉDIA
1990	547,59	352,47	476,56	346,72	430,84
1991	493,74	315,07	380,07	285,77	368,66
1992	468,43	260,14	304,12	234,34	316,76
1993	469,45	254,75	395,37	277,48	349,26
1994	541,81	471,63	471,22	393,38	469,51
1995	468,38	445,72	463,52	383,50	440,28
1996	381,64	335,55	377,39	324,68	354,81
1997	365,27	265,44	349,74	283,58	316,01
1998	372,18	232,80	351,34	281,00	309,33
1999	375,96	225,62	337,56	257,55	299,17
2000	428,53	247,67	417,00		364,40
2001	460,93	244,31	427,34		377,53
2002	475,64	265,26	382,02		374,30
2003	423,44	253,42	392,40		356,42
2004	397,55	251,18	215,48		288,07
2005	395,61	260,77	192,26		282,88
2006	393,42	256,55	388,26	252,94	322,79

⁹ MOLINARI, P. Recessão mundial exigirá ajustes de produção em 2009. Anuário 2009 da Avicultura Industrial, n. 11/2008, ano 100, ed. 1173.

2007	393,27	256,09	227,12	292,16
Vari ação 1990-				
2007	-28,18	-27,34	-18,53	-34,50 -32,19

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de SIGMAN (2008).

Tabela A2 – Preços Médios Reais do Boi Magro (cabeça), nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.

ANO	BA	CE	MA	PI	MÉDIA
1990	1.083,00	746,27	798,38	754,54	845,55
1991	914,02	649,47	585,17	627,03	693,92
1992	853,39	522,26	482,63	497,83	589,02
1993	859,97	529,58	581,69	557,76	632,25
1994	962,29	847,39	716,71	731,95	814,59
1995	834,40	881,64	710,12	712,35	784,62
1996	696,99	673,37	626,74	630,99	657,02
1997	672,39	568,09	585,14	577,33	600,74
1998	672,16	513,33	583,02	520,45	572,24
1999	682,94	477,37	612,42	548,94	580,42
2000	741,08	497,38	656,24		631,56
2001	771,64	482,51	664,03		639,39
2002	758,67	514,62	586,59		619,96
2003	690,01	483,02	575,36		582,80
2004	665,26	477,16	487,44		543,29
2005	642,31	485,10	494,57		540,66
2006	619,21	486,64	485,11	474,82	516,44
2007	622,26	487,93		515,19	541,79
Vari ação 1990-					
2007	-42,54	-34,62	-39,24	-31,72	-35,92

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de SIGMAN (2008).

Tabela A3 – Preços Médios Reais do Boi Gordo (arroba), nos Principais Estados Produtores do Nordeste, de 1990 a 2007.

ANO	BA	CE	MA	PI	MÉDIA
1990	113,60	118,07	97,07	104,26	108,25
1991	97,74	102,83	74,29	94,78	92,41
1992	92,60	88,96	64,42	80,09	81,52
1993	95,39	89,28	77,72	86,65	87,26
1994	101,24	121,21	91,89	114,32	107,16
1995	84,85	111,64	87,35	109,88	98,43
1996	74,09	93,09	74,80	91,82	83,45
1997	72,10	83,38	69,36	83,72	77,14
1998	73,82	78,98	68,40	81,60	75,70
1999	75,02	81,58	68,76	86,13	77,87
2000	80,45	85,56	74,98		80,33
2001	81,92	81,35	76,72		79,99
2002	79,14	79,98	73,61		77,58
2003	73,35	72,62	72,07		72,68
2004	69,83	70,63	67,92		69,46
2005	67,32	72,59	64,90		68,27
2006	64,08	69,07	58,17	67,15	64,62
2007	61,43	68,93		68,03	66,13
Vari ação 1990-					
	-45,93	-41,62	-	-34,75	-38,91

2007	40,07
------	-------

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de SIGMAN (2008).

Tabela A4 – Brasil – Produção, Importação, Exportação e Consumo Aparente Total e Per Capita de Carne Bovina, de 1994 a 2006.

Ano	Produção (*)	Importação (*)	Exportação (*)	Consumo Aparente mil ton (*)	População milhões de hab.	Consumo Aparente Per Capita kg/hab/ano
1994	5.200,0	196,0	378,4	5.017,6	153,7	32,65
1995	5.400,0	262,0	285,1	5.376,9	155,8	34,51
1996	6.045,0	196,0	278,4	5.962,6	157,1	37,95
1997	5.820,0	177,0	286,7	5.710,3	159,5	35,80
1998	6.040,0	135,0	377,6	5.797,4	161,9	35,81
1999	6.270,0	83,0	559,9	5.793,1	164,3	35,26
2000	6.650,0	100,0	591,9	6.158,1	169,8	36,27
2001	6.900,0	49,0	858,3	6.090,7	172,3	35,35
2002	7.300,0	101,0	1.006,0	6.395,0	174,9	36,56
2003	7.700,0	63,7	1.300,8	6.462,9	177,4	36,43
2004	8.350,0	53,3	1.854,4	6.548,9	180,0	36,38
2005	8.750,0	60,0	2.150,0	6.660,0	182,6	36,47
2006	9.000,0	60,0	2.200,0	6.860,0	185,2	37,04
Taxa de Crescimento	73,1	-69,4	481,4	36,7	20,5	13,5

(*) mil toneladas equivalente-carcaça

Fonte: De Zen; Menezes e Carvalho (2008)¹⁰.

Tabela A5 – Brasil – Estimativas de Produção, População, Consumo Aparente Total e Per Capita de Carne Bovina, de 2007 a 2017.

Ano	Produção (*)	Consumo Aparente mil ton (*)	População milhões de hab.	Consumo Aparente Per Capita kg/hab/ano	Excedente mil ton (*)
2007	9.421,2	7.066,7	189,5	37,28	2.354,5
2008	9.862,1	7.279,6	192,3	37,85	2.582,5
2009	10.323,7	7.498,9	195,2	38,42	2.824,7
2010	10.806,8	7.724,8	198,1	39,00	3.082,0
2011	11.312,6	7.957,6	201,0	39,59	3.355,0
2012	11.842,0	8.197,3	204,0	40,19	3.644,7
2013	12.396,2	8.444,3	207,0	40,79	3.951,9
2014	12.976,3	8.698,7	210,1	41,41	4.277,6
2015	13.583,6	8.960,8	213,2	42,04	4.622,8
2016	14.219,3	9.230,8	216,3	42,67	4.988,6
2017	14.884,5	9.508,9	219,5	43,31	5.375,6

¹⁰ DE ZEN, S.; MENEZES, S. M.; CARVALHO, T. B. DE. Perspectivas de consumo de carne bovina no Brasil. XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Anais. Rio Branco-AC, Sober, 2008. Disponível em <http://www.sober.org.br/palavra/9/560.pdf>. Acesso em 28/01/2009.

Crescimento	58,0	34,6	15,8	16,2	128,3
-------------	------	------	------	------	-------

(*) mil toneladas equivalente-carcaça

Fonte: De Zen; Menezes e Carvalho (2008).

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

ANO 2 – 2008

- Nº1 Jan 2008 – O Mercado de Derivados de Cana-de-Açúcar:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=666
- Nº2 Fev 2008 – Cultivo de Tilápia no Brasil: Origens e Cenário Atual:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=672
- Nº3 Mar 2008 – Cenários e Perspectivas 2008 - Setor Agropecuário:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=676
- Nº4 Abr 2008 – A Fruticultura no Nordeste e o Câmbio – Considerações:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=678
- Nº5 Mai 2008 – Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel:
Alternativas de Matéria-Prima:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=681
- Nº6 Jun 2008 – A Agroindústria de Alimentos Derivados de Cacau na Área de
Atuação do BNB:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=685
- Nº7 Jul 2008 – Perfil da Agroindústria no Nordeste:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=686
- Nº8 Ago 2008 – O Mercado da Uva e do Vinho no Brasil: Problemas com
Câmbio
e Importações:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=689
- Nº9 Set 2008 – A Expansão do Setor Florestal no Brasil: O Papel do BNB no
Financiamento à Produção e à Pesquisa:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=702
- Nº10 Out 2008 – Panorama Atual da Caprino-Ovinocultura Nordestina:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=703
- Nº11 Nov 2008 – O Segmento da Pesca Extrativa Marinha na Costa do
Nordeste:
http://d001www06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=704

Nº12 Dez 2008 – Cadeia Produtiva do Caju no Nordeste Brasileiro:
http://d001wv06/cenetene/proj_conj_econ/conteudo/abreDocs.asp?cd_documento=709